

O PODER DO MUSICAR NA MÚSICA DO CÍRCULO

Uliana Dias Campos Ferlim¹

Unesp / PPG em Música

Doutorado

Educação Musical

ulianacirclesongs@mail.com

Resumo: Esse texto trata da descrição da experiência musical da Música do Círculo (MdC). Trata-se de uma pesquisa de doutorado em Educação Musical que visa caracterizar o *musicking* (SMALL, 1998) deste grupo que reúne pessoas em contextos contemporâneos de práticas de música vocal, corporal e comunitária. A metodologia é a etnografia.

Palavras-chave: música circular; percussão corporal; *circlesongs*; Música do Círculo; *musicking*

The Power of *Musicking* in the Música do Círculo

Abstract: This text deals with the description of the musical experience of Música do Círculo (MdC). This is a doctoral research in Music Education in order to characterize the *musicking* (SMALL, 1998) of this group, that brings together people in contemporary contexts of vocal, body and community music practices. The methodology is ethnography.

Keywords: Circular Music, Body Percussion, Circlesongs; Música do Círculo; Musicking

1 A música é o musicar

“Se eu puder te dar uma dica, é a questão da vibração”. A moça conversa concentradamente comigo, relatando o porquê dela estar ali a caminho de um evento em que ela investiu tempo e dinheiro para estar. Ela conta que sua primeira participação nesse evento, na edição de 2018, foi uma experiência que mudou a vida dela. Parece não ser pouca coisa. De alguma forma, participar naquele momento, ajudou-a a redirecionar seus caminhos profissionais. E agora, retorna. Ivete² não é musicista; trabalha na área da saúde. Mais adiante na nossa conversa, ela me explica que seu companheiro, que é músico, disse que ela “tinha que

¹ Orientadora: Margarete Arroyo

² As citações e os eventos descritos trazem nomes fictícios para resguardar a identificação das pessoas envolvidas (exceto dos músicos profissionais e dos líderes da MdC). Os relatos aqui trazidos são de uma primeira entrada em campo, ocorrida dentre 10 e 16 de janeiro de 2020.

conhecer” o trabalho do grupo. Conta também da relação dele com a música. Que ela percebe como ele se envolve quando toca e compõe. A mãe dela também gosta muito de música e assim ela identifica sua própria relação com a música, por meio deles: a mãe e o companheiro. Dentre outras coisas importantes que me disse, a caminho do evento, destaco que ela relatou que se viu fazendo muitas coisas que julgava impossíveis. Ela elogiou a condução de Pedro Consorte, dizendo que “Pedro faz a gente fazer coisas impossíveis”, e ela se descreveu como “desajeitada na questão rítmica”. O evento para o qual nos dirigíamos era o Retiro da Música do Círculo.

O Retiro compõe-se de uma semana intensiva de encontros de pessoas de diferentes origens culturais que se dispõem a interagir em um ambiente convidativo, próximo da natureza. Na edição de 2020, o evento ocorreu em uma pousada localizada em uma cidade próxima da agitada São Paulo. O evento é organizado a partir da sistematização original de três pessoas. A ideia original e as ações principais são de Zuza Gonçalves, Ronaldo Crispim e Pedro Consorte. Há um grupo de apoio significativo. São, ao todo, neste mês de janeiro, 90 participantes, de 13 países diferentes, sendo 7 pessoas na equipe executora. E um *staff* de uma pousada que, praticamente, recebe, com exclusividade, esses participantes, por uma semana. A primeira edição do Retiro da Música do Círculo foi em 2015, e o número de pessoas, em 2020, foi um recorde de participação, sendo que foi sua décima edição.³ O Retiro é uma das ações do grupo que se denomina Música do Círculo e envolve uma comunidade de praticantes.

Será a música que atrai as pessoas? Que poder é esse da música, que envolve as pessoas de diferentes maneiras? Que faz a Ivete empenhar seus esforços vindo de longe para participar? Que traz gente de mais longe ainda, de outros países? Neste texto, procurarei evidenciar o que significa participar do Retiro da Música do Círculo conforme aqueles que lá estão. Trata-se de uma pesquisa de doutorado em Educação Musical em seu estágio inicial. A pesquisa é baseada na etnografia, e busca a descrição densa das ações da MdC, esse grupo que, para além do Retiro, reúne pessoas em outros eventos que misturam voz, corpo e movimento, em um contexto contemporâneo, na cidade de São Paulo e arredores.

Compreender como a música tem poder na vida das pessoas parece ser um ponto ainda pouco estudado a partir da Educação Musical. Geralmente estamos acostumados a ver argumentos do porquê a música precisa estar nos currículos, e a fundamentação gira em torno da intrincada relação que ela tem com a história da humanidade e que ela auxilia o desenvolvimento de habilidades variadas. Porém, entender **a forma** como a música participa

³ Essas informações estão no *site* da Música do Círculo, conforme listado, ao final, em Referências, e em conversas com os seus líderes.

no nosso desenvolvimento como indivíduos e como sociedade, ou como ela participa nas habilidades variadas, é um assunto menos abordado. A música tem um poder na vida das pessoas. Tia DeNora, em seu estudo *Music in Everyday Life*, traz etnografias que desvelam alguns desses poderes em uso pelas pessoas em alguns exemplos na vida cotidiana (DeNORA, 2002). Alguns estudos que nos auxiliam a olhar sob essa perspectiva para a música são de outras áreas, e ajudam a organizar uma perspectiva sociocultural na Educação Musical. Esses estudos geralmente estão na área da Etnomusicologia ou da Sociologia (ARROYO, 2000). John Blacking, em seu estudo sobre os Venda, na África do Sul, publicado nos anos de 1970, já trazia a atenção para “o poder da música” (BLACKING, 1976) e para o quanto esse era um problema “antigo” na história do conhecimento.

Eu gostaria de refletir, nesse texto, a partir desses estudos e de uma experiência musical concreta, não descartando relatos muito subjetivos sobre como a música envolve as pessoas, ou como ela traz esse poder. Trarei aqui fundamentalmente o conceito de *musicking*, tal como cunhado por Christopher Small, para balizar a descrição de uma experiência musical em contexto contemporâneo, com as primeiras notas do campo de pesquisa. Trataria assim de seguir na trilha do “poder da música”, porém com uma perspectiva diferente, não da música em si, mas do “musicar”.

A partir da leitura de Small, podemos dizer que a música não é um objeto em si, autônomo e isolado da vida social. Ele propõe que o fato mais importante não é a obra em si, mas sim, o conjunto de relações “ao redor” da obra, ação ou feito que envolve as pessoas. “Music is not a thing at all but an activity, something that people do” (SMALL, 1998, p. 2). Música não é um objeto e não deveríamos lançar nossos esforços de entendimento nesse foco. Aliás, muito já foi feito nesse sentido, e ele propõe novas perspectivas e questões muito críticas. As pessoas realizam a atividade de musicar, e ele propõe então, um neologismo, o *musicking*, para reorganizar nosso olhar para o ato, para a atividade de fazer música, o musicar, e o mais importante, para o conjunto de relações ali envolvido em cada contexto desse musicar. Só assim poderíamos começar a entender alguma coisa:

A natureza e o significado fundamentais da música não estão nos objetos, nem nas obras musicais, mas na ação, no que as pessoas fazem. É apenas entendendo o que as pessoas fazem quando participam de um ato musical que podemos esperar entender sua natureza e a função que ela desempenha na vida humana. Qualquer que seja essa função, tenho certeza, primeiro, que participar de um ato musical é de central importância para nossa própria humanidade, tão importante quanto participar do ato de falar, que é tão parecido (mas do qual também difere em aspectos importantes) e, segundo, que todo mundo,

todo ser humano normalmente dotado, nasce com o dom da música não menos do que com o dom da fala. Se é assim, nossa vida atual nos concertos, sejam “clássicos” ou “populares”, nos quais poucos talentosos têm o poder de produzir música para a maioria “sem talento”, baseia-se em uma falsidade. Isso significa que nossos poderes de fazer música para nós mesmos foram seqüestrados e a maioria das pessoas teve roubada a musicalidade que é deles por direito de nascimento, enquanto algumas estrelas e seus manipuladores ficam ricos e famosos ao nos vender o que levaram-nos a acreditar que nos falta. (SMALL, 1998, p. 8, tradução nossa)

Small lança uma questão ética e política ao mesmo tempo. Ele afirma que histórica e culturalmente, participar de eventos musicais, foi objeto de sequestro por alguns poucos. Isso, de um ponto de vista da cultura ocidental, separou público e artistas, e nos alienou de uma atividade relevante para a humanidade. Isso configura um certo fazer musical, um *musicking*. Trabalhar com Educação Musical traz uma dimensão ética e política também. No sentido do direito ao acesso a essa atividade relevante, importante por nos constituir como seres humanos, possuidores de musicalidade e do direito a reconhecê-la e expandi-la. Podemos pensar, com Small, sobre o acesso a um outro tipo de *musicking*, mais inclusivo. Do meu ponto de vista como professora, uma questão que está sempre presente é: será que estamos construindo esse acesso ao musicar, ao fazer musical? De que forma? Esse é um dos pontos que me fez pesquisar a Música do Círculo. Trago abaixo algumas notas sobre o que significa participar do Retiro da Música do Círculo, evento para o qual Ivete e eu nos encaminhávamos, quando anotei o relato inicial deste texto, e um dos principais eventos do conjunto de ações da MdC.

2 As formas de participar do musicar: música como conexão gerando uma comunidade

Que poder é esse que traz a MdC que faz uma pessoa aparentemente “não musical” entrar no ritmo, ao mesmo tempo que faz músicos experientes se interessarem em participar? Que faz com que professores procurem experienciar e renovar suas ferramentas para o trabalho em diversos contextos? Vou descrever algumas cenas e seguir a pista de Small, pois penso que estamos falando de um *musicking*, isto é, de um certo musicar. Porém diferente daquele que o autor critica, com formato que ganhou predominância no mundo ocidental. Procurarei descrever o que caracteriza o *musicking*, ou o musicar, da Música do Círculo (tratada, a partir daqui, como MdC).

A organização para o Retiro começa muito antes, no ano anterior. De certa forma, as vivências todas que eles propõem, parecem indicar uma escolha (ou uma sugestão, uma construção?) de que o Retiro é o lugar ideal para se fazer música (ou se conectar). Uma característica desse fazer musical (*musicking*) é a valorização de um espaço extra-cotidiano para vivências imersivas de musicar. Ou de um espaço “de segurança” para a imersão musical. A comunicação dos organizadores da MdC acontece em grupos de interação pelas redes sociais. Eles utilizam, principalmente, o *site*, e o grupo de *Facebook* denominado “Fritura Livre”, além do *mailing list* que eles vão criando conforme as pessoas vão se interessando pelas práticas.⁴

As pessoas que frequentam o Retiro geralmente já tem conhecimento de algumas das ações da MdC. Os líderes (vou denominá-los assim, que são os três organizadores iniciais: Zuza, Pedro e Ronaldo) mantém, mensalmente, um encontro em praça pública em São Paulo, a “Fritura Livre”. Trata-se de uma estrutura de jogos sonoros e de improvisação, e tudo acontece de forma muito fluida, sem interrupções, com os três engajando a participação dos presentes com seus próprios corpos e vozes e muito movimento, e isso tudo dura em torno de três horas. Esse encontro é aberto a qualquer pessoa que deseje participar, inclusive aos transeuntes que por ventura se interessem no momento, e exige que a pessoa apenas esteja disposta a utilizar seu corpo e voz em uma interação que envolve em torno de 100 pessoas. Além desse evento aberto e dos retiros (que desde 2016 acontecem duas vezes no ano), a MdC organiza eventos para empresas, em que o objetivo é “promover a conexão humana” (conferir no *site* citado anteriormente na nota 4). Além disso, cada um dos líderes tem seus próprios projetos pessoais com seus circuitos próprios de realização.

Abaixo, trago trechos do caderno de campo da pesquisa em que destaco algumas percepções das pessoas sobre o Retiro ou as ações do grupo, e mais descrições sobre sua atuação. Ao conversar com um participante, que se interessou pela pesquisa que realizo:

Explico para ele a metodologia de pesquisa, que é mais aberta, que estou tentando ouvir mais as pessoas. Ele fala: “então, vou te dar meu depoimento: eu fui daquelas pessoas que **nunca teve aula** de música, exceto na escola, na 4ª. Série. Tinha um coral que a professora selecionou os alunos. E os outros tinham que ficar sentados ouvindo o ensaio na sala. Não só foram excluídos, como tinham que fazer silêncio para o ensaio dos outros. Um aluno do coral falou: ‘aí, professora, não dá pra cantar porque ele está cantando errado-atrapalhando’, ao que a professora deu uma bronca ainda por cima”. E ele

⁴ Site da MÚSICA DO CÍRCULO: Música e Conexão Humana, c.2019. Página inicial. Disponível em: <<https://www.musicadocirculo.com/>>. Acesso em 01 de out. de 2019. Grupo de Facebook, “Fritura Livre”: <<https://www.facebook.com/groups/322677274500286/>>. Acesso em 10 de fev. de 2020.

emenda que quando ele participou da Fritura Livre: “**eu senti que eu podia cantar**”. (FERLIM, Caderno de campo..., jan. 2020, grifo nosso)

As pessoas que participam da “Fritura Livre” geralmente têm relatos de sentimentos de conexão, descrevendo prazer, segurança, afeto, e como se pode ver no relato acima, de confiança e descobertas. Ao final do evento, sempre há espaço para que registrem sua apreciação da experiência vivida. A “Fritura Livre” acontece uma vez por mês há mais ou menos três anos, ininterruptamente. Ela surgiu como ação ligada a um grupo de estudos em que Ronaldo, Pedro e Zuza se dedicaram desde meados dos anos 2000, muito influenciados por Fernando Barba, o criador do grupo de percussão corporal Barbatuques.

Logo após o Retiro, a MdC costuma organizar uma “Fritura Livre Especial”, que reúne algumas pessoas que acabaram de ter a experiência intensa do Retiro. Essa Fritura Livre acontece ao lado, ainda, de outra sessão de eventos para fazer com que as pessoas possam continuar em contato: é o “Mini Festival Circular”, que agrega alguns participantes (convidados) e tem um caráter artístico de performance. São apresentações musicais e também *workshops*, realizados por pessoas que já tem um trabalho artístico ou alguma experiência mais consolidada em educação. Alguns participantes do Retiro (estrangeiros inclusive) se apresentam ao lado de outros artistas, que não necessariamente participaram do Retiro. Aqui aparece uma organização da comunidade dentre, quem deseja performar e se apresentar ou propor algo mais diretivo, e os organizadores vão abrindo esses espaços. Identifico artistas que são valorizados pelos organizadores. Trarei, neste relato, referências ao grupo Barbatuques, a Thiago Rizumik, e a Keith Terry, convidado especial deste ano de 2020.

Esse trecho dá uma dimensão da rede que se forma:

Conversa com Rafaela (Argentina) – conheceu o Retiro pela professora de canto Carolina Chrem (Carolina levou Zuza, creio, pela primeira vez para a Argentina. Neste retiro de 2020, havia duas moças de lá, meio que estagiando para aprender a organizar um possível Retiro na Argentina. Ronaldo também já foi para a Argentina) A resposta do porquê vem ao Retiro, que eu fiz a ela: “porque me relaxa, porque desenvolve musicalidade”, “aprende coisas”, pela “interação com outros músicos e pessoas”. (FERLIM, Caderno de campo..., jan. 2020)

A conexão com artistas e não-músicos é outra característica deste musicar, que envolve muito fortemente o corpo, a voz e movimentos. Neste ano, houve um artista e convidado especial: Keith Terry. Ele é o criador do Festival Internacional de Música Corporal, (o *International Body Music Festival*, IBMF), evento do qual já fizeram parte Zuza, Pedro e outros participantes do Retiro. O Barbatuques tem uma história de envolvimento com Keith Terry, pois organizou a terceira edição desse festival internacional, em 2010, em São Paulo.

Keith participou do Mini Festival em 2020, e foi uma atração que energizou o Retiro também. No Retiro, ele trouxe, dentre outras coisas, um pouco do que chama de *Body Tjak*, uma recriação e organização de padrões sonoros da tradição musical balinesa (junto a um músico balinês), o que foi dito por ele, e um desses padrões virou uma espécie de “senha” para a celebração da alegria e energia do retiro: “Assedegodu”. Ao aprender esse padrão, de forma vibrante, com gestos e declamações cheias de energia, a comunidade do Retiro o citava sempre que queria destacar e pedir a vivência novamente. Ou simplesmente para relembrar e fazer alguma “graça”. Virou até um *sticker* (uma figurinha) de *whatsapp*. A música parece estar sempre presente e a reação ao que Keith nos levou a fazer gerou:

Muitos aplausos. Ele energizou o pessoal. Logo ao término do que era uma pequena mostra do que ele vai fazer logo após o Retiro, em São Paulo, alguém disse “de novo!” e seguiram-se algumas risadas. Todos sentados em volta do centro, coreografando. Ele é muito energético na mostra dos sons. É rápido, não dá tempo para dúvidas. Ele falava algo como “Assedegodu” e nós traçávamos um movimento de mãos de vai e vem da direita para esquerda e vice-versa. Falávamos: “Ah...” e também: “Tipô, tipô”, imitando ele. E “dê gue de”... [Esses foram alguns dos padrões ensinados] (FERLIM, Caderno de campo..., jan. 2020)

Era uma espécie de recriação de um ritual de música comunitária, em que todos participam ativamente, e se encaixou no espírito do que propõe a MdC, energizando a todos.

3 Uma rede de comunicação, uma rede de relações, saberes em conexão ou mixagem

O grupo de *whatsapp* é outro espaço de interação e começa antes do Retiro. Os organizadores criam um grupo no aplicativo para colocar as pessoas que se inscreveram em contato. Assim, antigos participantes reveem-se uns aos outros, e todos se apresentam. Somos convidados a compartilhar nossa foto, uma foto de um lugar que gostamos bastante, perto de onde habitamos, e o registro de nossa bagagem de viagem para o Retiro. Esses são apenas pontos de partida para muitas interações e vão gerando uma expectativa para o encontro ou reencontro.

O fazer musical da MdC compreende essa rede de relações que vão sendo criadas, nesta rede de eventos, e nesse histórico de formação e intenções de seus líderes. Tem uma referência expressiva na percussão corporal tal como sistematizada por Fernando Barba (criador do Barbatuques) e por relações aí formadas.⁵

A MdC traz também outras referências, como se pode ver nesse registro de uma participante que:

⁵ Stênio Mendes é outro músico de referência bastante citado pela MdC.

...conta do seu ano sofrido, teve duas crises de pânico (2019). Pensava que nunca iria acontecer com ela. Ela adora o que faz (ela disse) e busca levar o que aprende na CNV [Comunicação Não-Violenta] e dança circular para as crianças. Fala sobre a dificuldade “do sistema”. “Escola pública adocece”. Ela se diz “uma pessoa solar”, e achava que nunca iria passar por isso... E conheceu o Retiro (em julho passado). Por acaso. Achava que era sobre CNV (porque viu o Pedro no *Facebook*). Valoriza o aspecto “comunitário”. (FERLIM, Caderno de campo..., jan. 2020)

A CNV (Comunicação Não Violenta) é uma referência para a organização das ações do grupo. Pedro Consorte traz essa orientação e ela é motivo de interesse para alguns dos participantes que parecem se interessar sobre a relação da CNV com a música.

Um exemplo de uso da CNV para o musicar do grupo é a forma com que abordam o início das sessões dentro das atividades do Retiro. No início das sessões, estão sempre preocupados em verificar se as pessoas têm alguma necessidade especial antes de começar propriamente a ação. Isso se dá tanto em comandos para que nos orientemos sobre a percepção sobre nosso próprio corpo e emoções, ou em diálogos com os outros, às vezes em duplas, ou trios e quartetos, em que cada um tem um tempo para avaliar a si próprio e comunicar aos parceiros momentaneamente criados. Isso nem sempre é bem assimilado pelas pessoas. Por exemplo, tive um relato de uma pessoa que estava interessada diretamente na presença do Keith Terry, e disse que não gostava desses momentos de diálogo e que até se incomodava. Por outro lado, aquela participante já iniciada em CNV, valoriza outros aspectos na experiência desse musicar:

... falou que sua filha [que estudou música] dava algumas orientações sobre a voz, sobre cantar, mas que no Retiro, ela “sentiu” e aí tudo ficou melhor. Que “sentir” é muito importante. Falou das semelhanças com a dança circular, que para ela “é tudo a mesma coisa”, que ela sente algo como um contínuo. (FERLIM, Caderno de campo..., jan. de 2020)

A dança circular parece ser uma referência de ações para os líderes e organizadores da MdC, mas que guarda necessidades de estabelecimento de diferenças pelo grupo, pelo que pude perceber das últimas vezes em que conversei com Zuza. Em início de fevereiro, estive em um encontro de divulgação do evento da “Formação em Música do Círculo”, e Zuza mencionou essa necessidade de diferenciação do que fazem com a dança circular. Talvez, pelo fato de a dança circular já ser bem conhecida (com relação ao que eles chamam de “música circular”) e eles desejarem estabelecer-se como outro campo de atividades, de fato, um “*musicizing*” específico, que julgam merecer, inclusive, uma “formação”. Mas identificar as semelhanças entre música e dança circular parece ser fácil para quem tem as duas vivências. Manuele é

pedagoga, já estudou as danças circulares e diz que aprecia essas vivências, como a CNV, porque a auxiliam a reorganizar suas ações para com as crianças a quem dá aulas.

Outro registro que realizei sobre a dança, foi referente à habilidade de Pedro em conduzi-las, fato observado no relato inicial pela participante Ivete quando disse: “ele faz a gente fazer coisas impossíveis”. Em um momento do Retiro, eu conversava com Pedro sobre o entusiasmo das pessoas em conseguir aprender “a dança” e fiz esse outro registro no caderno. Geralmente, ele fica responsável por essa função, me relatou.

(Pedro) Ensinou dança (no momento que estou transcrevendo meu manuscrito aqui no computador, ouço, ao longe, as pessoas cantando o que aprendi com o Pedro nessa sessão [mais cedo, com outra turma. As turmas se revezaram para aprender a mesma dança].

O pessoal se empolgou com cada desafio vencido na dança. Para mim, a dança é um tanto complexa, e vejo que outras pessoas, algumas poucas talvez, apresentam alguma dificuldade “a mais”. Mas ouvi expressões de vontade de “trabalhar”, “aprender” e “fazer”.

(Agora ouço também uma celebração em palmas e vozes entusiasmadas) (FERLIM, Caderno de campo..., jan. 2020)

A dança, então, é um elemento desse musicar, embora, talvez, diferente da chamada dança circular, e observar as percepções das pessoas sobre isso é outro ponto importante. Por exemplo, registrei sobre outra participante: “Depois ela me contava, sobre a dança do Pedro, que achava que ele complicava demais os passos, que na dança circular era diferente, mais simples”. (FERLIM, Caderno de campo..., jan. 2020)

Outro artista (que participa de outra comunidade semelhante e inspiradora da MdC) veio conhecer o Retiro nessa última edição: Tiago Rizumik. Trata-se de um artista português que tem um certo trânsito internacional. No ponto de encontro para a viagem de ida para o Retiro, nós conversamos brevemente. Ele é um *beatboxer* e disse que estava vindo conhecer “a metodologia” da MdC. Ele conhece o Zuza; os dois são professores do *workshop Circlesongs*, de Bobby McFerrin, realizado no *Omega Institute*. Ele ofereceu uma oficina em que colocou as pessoas para experimentarem os seus próprios recursos vocais para a produção do *beatbox*, todos juntos. De fato, naquele momento, já presenciei alguns elementos da MdC em realização, como colocar todos em interação em um mesmo fluxo de energia musical. Interagimos em grande círculo, com pergunta e resposta, e entre pares, dialogando sempre com a regência dele, promovendo o grande fluxo sonoro e musical. Essa é outra característica peculiar da MdC, e os líderes dizem que criaram essa forma de fazer na experiência da regência na praça pública, na “Fritura Livre”. Em conversas com Pedro, Ronaldo e Zuza, disseram-me como era desafiador manter a atenção e energia do grupo e que eles foram criando formas de ligar um jogo ao outro. Por jogo, quero dizer uma forma de interação sonora, mas que pode ser também em silêncio e

em movimento, isto é, há um balanço entre esses elementos para a criação do fluxo, uma “mixagem” balanceada: voz, percussão corporal e movimento.

Vale um último registro sobre o *workshop Circlesongs* organizado há muitos anos pelo performer Bobby McFerrin no Instituto Omega, em Rhinebeck, próximo de Nova Iorque.⁶ O termo “circlesongs” foi cunhado por ele para reinventar uma forma de cantar em comunidade. Zuza tornou-se um professor deste *workshop* anual desde 2016. Ele traz, para a MdC, inspirações da estrutura do evento organizado por Bobby (retirar-se para a natureza, vivenciar imersivamente um musicar, relacionar-se eticamente com o entorno), mas também traz outros elementos vivenciados em contexto brasileiro em São Paulo pelos praticantes da percussão corporal, em que, afirmam, compartilham valores e princípios ou técnicas.

Gostaria de destacar, como cita Small, referenciando Bebey e Tracey, estudiosos sobre as características da música africana, em uma frase um tanto conclusiva sobre as características de uma música de base comunitária, em contraponto ao nosso modo hegemônico ocidental:

As repetições da música africana têm uma função no tempo que é o inverso da nossa própria música - dissolver o passado e o futuro em um presente eterno, no qual a passagem do tempo não é mais percebida. Uma apresentação pode durar várias horas ou a noite toda e não terá começo ou fim formal; em vez disso, levará algum tempo para ganhar impulso e provavelmente acabará quando os músicos ficarem sem energia ou entusiasmo. Não há tempo para limitar o conjunto. (SMALL, 1977, p. 55)

Ainda que as repetições das *Circlesongs* e da MdC baseiem-se em variados tipos sonoros não diretamente ligados a melodias ou padrões rítmicos africanos (e que de fato os extrapolem), alguma similaridade é possível de ser encontrada (na MdC, há também padrões que parecem bastante africanos), mas diria mesmo que embora, como ocidentalizados, tenhamos hora para começar e terminar, e que nada seja, afinal, tão improvisado quanto possa parecer (e precisaríamos de mais tempo para seguir esse argumento), as repetições se dão na expectativa do reencontrar, na vontade de estar junto, e nessas últimas frases, em que destaco o sentido do musicar e da comunidade, externados por vários participantes diferentes, que parecem acreditar ou revelar um poder de conexão “para além da tribo” local, ou então, reconfigurar qual seria essa tribo urbana contemporânea:

- (...) é muito gratificante esse momento de amor com o mundo (...)

⁶ O *workshop Circlesongs* é ofertado anualmente por Bobby McFerrin e um grupo de professores e artistas liderados por ele. É também o nome de um álbum do performer lançado em 1997. O *workshop* é baseado na improvisação, a linguagem preferida de McFerrin, vencedor mais de dez vezes do prêmio *Grammy Award*, e considerado revolucionário e bastante respeitado no contexto erudito e popular. Para maiores informações, ver: <<https://www.eomega.org/workshops/circlesongs-its-about-us>> Acesso em 24 de out. de 2019.

- Saber que existe esse tipo de lugar... experiência única, com certeza vou compartilhar com muitas outras pessoas.
 - ...é sempre um sentimento de voltar para a minha família que está aqui...
 - Obrigada pela voz e pelo corpo musical de cada um, por compartilhar sua música com a gente. E a gente pode continuar amigo (...)
 - Eu fico muito grata por encontrar meus velhos amigos que eu já conhecia e fazer novos amigos, especialmente no Brasil, um lugar tão distante e tão legal.
 - (...) Algo acontece (com a) música que é algo mais. Me faz sentir viva, muito viva.
 - Eu queria agradecer ao Keith por sua energia em conduzir a gente por uma energia maluca, com tanta alegria.
 - (...) E acho que esses dias aqui, vivendo essa experiência muito construtiva de comunidade, me ajuda a me alimentar para poder alimentar as comunidades em que vivo. (...)
 - (...) Mas a música é muito curadora e a comunidade é muito importante (...)
 - (...) quando descobri esse mundo da música do círculo, eu voltei a acreditar que algo era possível. Eu realmente acredito nisso e estou feliz que a gente está construindo uma rede através da música. (...)
- (A cada parágrafo, segue a expressão de um participante diferente)
(FERLIM, Caderno de campo..., jan. 2020)

Há algo que perpassa essas experiências contemporâneas e a construção desse musicar que é o objetivo dessa descrição e pesquisa etnográficas. Espera-se contribuir para a área da Educação Musical no sentido de evidenciar o poder do musicar para as ações humanas e pedagógicas. O objetivo, aqui, foi concentrar em cenas para a reflexão sobre o musicar da MdC destacando algumas de suas características vislumbrando o seu poder.

Referências:

- ARROYO, Margarete. Educação Musical na Contemporaneidade. *Anais... II Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG*, 2002. p. 18-29. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/musicalidade/midiateca/educacao-musical/educacao-musical-na-contemporaneidade/view>> Acesso em 10 fev. 2020.
- FERLIM, Uliana D C. Caderno de campo. Retiro da Música do Círculo, São Paulo. Notas etnográficas. Jan. 2020.
- BLACKING, John. *How Musical is Man*. “Quão Musical é o Homem”, Trad. de Guilherme Werlang. 1976.
- DeNORA, Tia. *Music in Everyday Life*. Cambridge University Press, 2004.
- MÚSICA DO CÍRCULO: Música e Conexão Humana, c.2019. Página inicial. Disponível em: <<https://www.musicadocirculo.com/>>. Acesso em 01 de out. de 2019.
- MÚSICA DO CÍRCULO. Grupo de Facebook, “Fritura Livre”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/322677274500286/>>. Acesso em 10 de fev. de 2020.
- SMALL, Christopher. *Music, Society, Education*. Londres: Wesleyan University Press, 1977.
- SMALL, Christopher. *Musicking. The Meanings of Performing and Listening*. Middletown: Wesleyan University Press, 1998.